

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração

Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 12 Números 5\$00

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

ÉCOS E NOTÍCIAS

Ministro das Finanças

No próximo dia 27 passa mais um aniversário da posse da pasta das Finanças, pelo ilustre Presidente do Conselho, Sr. Dr. Oliveira Salazar.

Não precisa Sua Ex.^a de palavras a recordar esta data. Af estão os factos a falar mais alto do que todos os elogios.

Como portugueses e nacionalistas, enviamos ao Sr. Dr. Salazar os sinceros agradecimentos pelos serviços prestados à Pátria.

Dr. António Martins

Em Abrantes, sua terra natal, foi inaugurado um monumento a este médico ilustre e mestre atirador, que honrou Portugal, que na sua profissão, que em concursos internacionais de tiro.

Reconhecer o mérito d'alguém, é um acto que só dignifica quem o sente, ainda mais do que o homenageado. E António Martins bem merecia a homenagem que os seus conterrâneos lhe prestaram honrando-se com ela. Belo carácter, leal como uma espada, incapaz da mais pequena trocédela na linha recta do seu proceder, em todos os que lidaram com ele, só deixou belas recordações que são imperecíveis.

O «Correio de Abrantes» publicou um numero especial, a cores, brilhantemente colaborado, dedicado todo ele á memoria do grande cirurgião. Sem desprimôr, não queremos deixar de salientarmos o artigo do Prof. Dr. Henrique de Vilhena, da Faculdade de Medicina de Lisboa, mestre e amigo de Antonio Martins. Os factos a que o referido Prof. se refere sintetizam bem o carácter de Antonio Martins, as suas qualidades de trabalhador, isto na idade em que, quando muito, cada um procura apenas cumprir mais ou menos bem. Pois mesmo como trabalhador e nessa idade, A. Martins era excepcional como sempre foi.

Mais um que conta a verdade

O jornalista americano Paterson esteve também na U. R. S. S. Eis como éle conta as suas impressões do «paraíso soviético»:

«O povo russo é o mais pobre e o mais miseravelmente vestido de todos os povos. As liberdades anunciadas pela nova constituição não passa de uma farsa. Os russos são os indivíduos mais oprimidos do mundo. A Rússia soviética está dominada pelo terror de que o fermento do ódio que as multidões ocultam se transforme numa revolta. Medo, terror e horror: eis o alimento dos russos. Estaline é um tarado que vive com a obsessão de que a sua política possa ser sabotada pelos «trotzkistas» radicais. Uma loucura colectiva invadiu a Rússia e cada alto funcionário teme pela sua própria existência».

Entretanto, é claro, a propaganda soviética esfalfa-se a proclamar aos quatro ventos que o povo russo é o mais feliz do mundo.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Abrço fraternal Os homens e o Corporativismo

Nas vésperas do final da guerra de Espanha foi assinado, como já é sabido, um Pacto de Amizade e Não-agressão entre os governos de Portugal e da Espanha nacionalista, o qual foi ratificado solenemente após a queda de Madrid. O significado dêste Pacto reveste-se de excepcional importância seja qual fôr o aspecto por que se encare.

Sabe-se como a vitória do bolchevismo russo-espanhol teria imediatamente como consequência uma guerra revolucionária com o nosso País. A criação duma Federação das Repúblicas Soviéticas Ibéricas estava no programa dos homens de Madrid e de Barcelona, e o renegado Bernardino Machado era dos que esperavam ver tal monstruosidade antes de morrer. Quando a vitória principiava a sorrir a Franco, as hordas de assassinos de Badajoz não tiveram pejo nem receio de violarem o solo português e aqui prenderem um oficial nacionalista que procurara quartel em terra amiga. As emissoras de T. S. F. de Madrid e de Barcelona não se cansavam de injuriar o Estado Novo e a sua figura representativa, Salazar. E está na lembrança de todos (ou pelo menos devia de estar, porque há certos indivíduos que o procuram esquecer...) que os marxistas de Espanha e os de Moscovo procuraram até chegar a vias de facto, peitando elementos da nossa Armada para se sublevarem, e procurando dar a morte a Salazar que tão firmemente combatia o bolchevismo, em Genebra, em Londres e em Lisboa. Tudo isso não podia deixar de pôr todos os portugueses verdadeiramente nacionalistas ao lado de Franco. Logo na primeira hora, o Governo de Portugal tomou posição decidida e firme em defesa da civilização, enquanto algumas centenas de portugueses entusiastas corriam a alistar-se nas «bandeiras» gloriosas do Tercio ou nas hostes aguerridas da Falange Espanhola. Pode dizer-se que a colaboração de Portugal no jugulamento do bolchevismo em Espanha foi quasi tão importante como a dos Estados nacionalistas que mandaram ao país vizinho os seus soldados e os seus oficiais.

Portugal e Espanha compreenderam enfim a lição da história: não podem formar um só Estado, porque a isso se opõem muitos factos de ordem geográfica, étnica, económica, histórica, literária e até sentimental; mas devem colaborar intimamente na defesa do sagrado património que os nossos antepassados nos legaram, quer da defesa do solo da Espanha, ontem firmada nas Navas de Tolosa, no Salado, em Baylen, em Talavera, na Roliça, no Vimeiro, no Buçaco e em Vitória, hoje na luta homérica de Toledo, de Oviedo, de Somosierra, de Irun, de S. Sebastian, de Santander, de Malaga, de Teruel, de Barcelona e de Madrid. Quando o jugo estrangeiro procurou dominar a Peninsula, sempre portugueses e espanhóis se encontraram a combater lado a lado pela liberdade e em defesa do patrimonio comum.

A-pesar disso nada havia que nos obrigasse mutuamente á colaboração, e bastas vezes o insulto mútuo partia de certos sectores portugueses ou espanhóis, facto tristissimo filho, em muitos casos, da incompreensão. Os governos de Portugal e de Espanha entenderam que era chegada a hora da colaboração estreita não já nos campos de batalha, mas para sempre. E assinou-se o Pacto de Amizade e Não-Agressão, em que Portugueses e espanhóis podem acreditar dado que não foram interesses passageiros que levaram á sua elaboração mas sim uma fraterna convivência cimentada com o sangue de tantos portugueses que nos campos de batalha se misturou ao de milhares de espanhóis, todos caídos na defesa da liberdade da Peninsula Ibérica e pela grandeza da nossa civilização comum. Hoje como ontem Portugal e Espanha encontram-se na vanguarda dos povos que se batem contra a barbárie que vem do Oriente.

Se atendermos que desde o principio da guerra é este o único compromisso internacional até agora assumido pela Espanha nacionalista, facilmente atingiremos qual o seu vasto alcance e o que de honroso representa para qualquer dos dois Estados peninsulares que de-ora-á-vante constituirão na Europa um dos mais sólidos blocos hoje existentes. Tal tratado, que de modo algum é incompatível com os compromissos internacionais que temos, vai ser o ponto de partida duma nova era de trabalho fecundo, e Portugal, que hoje ofereceu algum do seu mais generoso sangue pela libertação da Espanha, vai amanhã colaborar também na restauração dessa mesma Espanha que as hordas marxistas deixaram arruinada.

E' preciso não deixar morrer o Corporativismo Português. Os defeitos que apresenta não provêm do espirito que animou a sua restauração. Devemos imputá-los á falta de formação e preparação da maioria dos seus componentes. Não é impunemente que se bebe leite individualista e liberal durante uma centena de anos. Esse alimento robusteceu e alimentou muitos dos homens que hoje estão á frente dalguns departamentos do Corporativismo—que tem de ser essencialmente, absolutamente social, cristão, modelado pelas irmandades mediaveis. Mas o individualismo e o liberalismo não criaram somente tipos criaram também ambiente, clima moral e intelectual. Como são os homens que fazem o clima das épocas em que vivem, importa, antes de mais, reformar os homens, modificá-los, ensiná-los, cristianizá-los. Tenho a impressão de que se fala hoje muito em civilização cristã, nacionalismo cristão etc. sem que os pregadores dessa corrente se tenham modificado. Os que hoje apregoam esta ideia apregoavam há 12 anos outra e há 30 anos outra. Para certos homens tudo isto é uma questão de moda ou de oportunidade. Ora convém assentar que isto de realizações práticas presuppõe a existência dum ideal sincero, vivido, sentido e não a bailar somente á flor dos lábios, para que os outros vejam como nós pensamos. E' na falta de ideal que reside a falência aparente do corporativismo português.

* * *

As revoluções políticas, quando não conseguem modificar os homens, limitam-se a escrever páginas para os anais da história e não para os anais das ideias. O homem é que importa revolucionar: é sobre éle, antes de tudo e acima de tudo, que devem incidir as preocupações dominantes dos condutores, porque é com éles e não com as laudas dos decretos que se cometem as grandes realizações. Os verdadeiros educadores conseguem fazer maravilhas á margem da sciência livresca, dos compêndios e dos códigos. Na vida social também se podem fazer prodígios quando existem valores morais, ainda que estes não saibam nada de hermenêutica de diplomas oficiais. Não sabem de hermenêutica mas impulsiona-os uma mola oculta, invisível, e domina-os a ambição de serem úteis e prestantes ao seu semelhante, ao seu irmão. E' isto que não ensina o Diário do Governo, embora fale vagamente no assunto. Se eu fôsse um dia conselheiro de qualquer condutor de povos havia de o convencer a inscrever no orçamento do Estado uma soma avultadíssima para a educação do povo e de todas as classes sociais. E isto durante um ano, dois, três, dez, vinte, trinta; depois, mas só depois, o aconselharia a erguer edificios sociais sobre essa indispensável base ou alicerce. Tudo que não seja isso é construir sobre areia. A política da educação é apagada, não luz, não oferece ensino a que os condutores colham louros e triunfos. Não oferece esse ensino, realmente,

A. A. D.

ÉCOS E NOTÍCIAS

Piores que os piores bárbaros

Na catedral de Santa Sofia, em Kieff, conservava-se desde 1054—há quasi nove séculos!—um sarcófago com os restos mortais de Iaroslav, o sabio, pai de Ana de França, que era alvo da veneração de todo o povo ucraniano. Vieram os tártaros, os Lituanos, os polacos e os russos, devastando a cidade de Kieff na sua existência milenária. O sarcófago, porém, foi sempre respeitado.

Pois agora a liga dos «Sem Deus» obteve autorização do governo da Ucrânia soviética para abrir o supulcro, onde encontraram um esqueleto perfeitamente conservado e algumas jóias de muito valor.

Os comunistas procedem sempre assim, seja na Ucrânia ou em Espanha, com o objectivo de destruir todos os monumentos históricos e religiosos, ligados intimamente á vida dos povos.

Farmacia de serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia FRANCO.

Os soviets e a auto-crítica

Na U. R. S. S. não há liberdade de opinião nem possibilidade de crítica.

André Gide, o celebre escritor que, até á sua ultima viagem ao «paraíso» vermelho, fora adulado pelos comunistas franceses, escreveu a este respeito, no seu livro «Retour de l' U. R. S. S.», as seguintes afirmações:

«Eu bem sei que lá se faz grande caso do que chamam a «auto-crítica»... Mas o que se discute é se tal obra, tal gesto ou tal teoria estão de acordo com a linha geral sagrada. E aí daquele que procurar ir mais além!» (pag. 52). «creio que presentemente, em nenhum outro país, mesmo na Alemanha de Hitler, o espirito é menos livre, mais torturado e mais aterrado.» (pag. 67).

Liberdade de consciência

A perseguição religiosa atingiu na U. R. S. S. uma tal intensidade que os féis têm de refugiar nas catacumbas, como nos tempos dos primeiros cristãos!

Eis o que, a este respeito, escrevem Iaroslavski e Olestchouk, os dois grandes chefes dos «sem-Deus»:

«O programa do partido comunista exige a luta contra a religião» (Iaroslavski: «Comunismo e Religião»).

Ao cabo de vinte anos, alcançaram-se na U. R. S. S. resultados inauditos na repressão da religião».

E acrescenta-se: «Os sacerdotes escondem-se no sub-solo, organizam associações religiosas clandestinas e conventos subterrâneos». Entrar numa igreja, na U. R. S. S. é ter-se a certeza de perder, pelo menos, o emprêgo.

mas oferece ás nações um potencial riquíssimo, exuberante com o qual se vencem todas as batalhas do futuro. Na Educação reside o segrêdo oculto de certas glórias...

José Maria de Almeida

Cartas à minha Província

IV

o ALGARVE EM 1940

Minha linda Amiga,

Em 1940, Portugal vestirá as suas melhores galas para, num desfile dos seus valores espirituais e materiais que decerto ficará memorável, lembrar aos seus filhos e mostrar ao estrangeiro o que foi a sua acção ao longo de oito séculos de história sem igual no tempo e no espaço e afirmar perante o mundo, de uma forma inequívoca e eloquente, a sua vitalidade de hoje e o seu desejo imperioso de honrar um passado heroico construindo um futuro sólido e brilhante. As comemorações centenárias do próximo ano têm um transcendente significado sob o ponto de vista do brio nacional e do amor pátrio e uma altíssima oportunidade sob o ponto de vista da situação do país no concerto internacional. Por isso, em Lisboa, como em muitos outros pontos de Portugal e até do Império, trabalha-se já afanosa e entusiasmada para que as festas de 1940 sejam dignas dos altos acontecimentos que vão celebrar e do grande significado que vão ter.

Como será, porém, a minha linda Amiga colaborará nessas comemorações? Além da inauguração, em Faro, do monumento a D. Francisco Gomes do Avelar—pagamento de uma antiga dívida de gratidão enfim saldada por iniciativa meritória e esforço entusiástico do meu Ex.^{mo} Amigo Sr. Dr. Mário Lyster Franco—, e além das solenidades de Lagos e Sagres, promovidas pela grande Comissão Nacional das Festas, não me consta ainda que mais seja o que for aí se efectuará. Mas decerto os seus filhos não quererão alheá-la assim de acontecimento de tão grande relevo na vida nacional; tanto mais que a minha boa Amiga teve papel importante nesses oito séculos de história que vão comemorar-se, na formação e até de algum modo na consolidação desse grande Império de que as comemorações vão ser apoteose deslumbrante.

E' preciso, minha querida Província, que a nossa já infelizmente tradicional mesquinhez e o nosso já proverbial desleixo de algarvios, até por uma simples questão de brio e amor próprio, nos não façam esquecer de que Sagres, constituindo o símbolo eloquente do espírito heroico e aventureiro da grei lusitana, é também o símbolo da sua grandesa e da sua eternidade, pois se D. Afonso Henriques fundou uma Pátria em Ourique, se Nun'Alvares a consolidou em Aljubarrota e D. João IV a libertou definitivamente, Sagres revelou o génio do Infante e com ele e com a audácia e abnegação dos anónimos marujos algarvios fez a projecção dessa Pátria no espaço e no tempo, lançando as bases do maior Império do mundo, espiritual e temporal, lançando as bases da nossa grandeza passada, presente e futura! E' preciso que a nossa infelizmente já proverbial mesquinhez nos não faça esquecer de que, se o primeiro de Dezembro de 1640 fez em Lisboa a redenção do Portugal imorredouro, os alicerces espirituais dessa redenção foram abertos em boa parte no Algarve por influência religiosa e foram cimentados com o sangue de muitos milhares de algarvios, sacrificados voluntária e espontaneamente ao amor pátrio, na cruz de martírio trazida pelas hostes invasoras e incruentas do Duque de Medina Sidónia! E não nos esquecendo de que assim foi e de que à minha querida Amiga coube a honra de tão belo papel histórico, não podemos também alheá-la das comemorações ou limitarmo-nos a uma pequena e apagada colaboração.

Quando, num momento que ficou indiscutivelmente assinalado na nossa história contemporânea, o Sr. Presidente do Conselho deu a conhecer ao país entusiasmado a sua notabilíssima nota oficiosa sobre as comemorações centenárias, tomei a iniciativa, com o J. Fernandes Mascarenhas, de não só enviar, como enviámos de facto, um telegrama de inteiro aplauso e adesão à ideia, em nome da «Casa do Algarve», mas de promover a colaboração efectiva deste grémio nas celebrações. E então esquisámos um pequeno programa de actividade, cujo estudo se chegou a iniciar com o inteiro apoio e decidida colaboração da gente moça que fazia parte dos corpos gerentes da «Casa», em especial dos srs. drs. Semto Sequerra e Júlio Nascimento Costa. Deste programa, ou melhor, ante-programa, faziam parte fundamentalmente: uma grande exposição etnográfica algarvia em Lisboa; inauguração, em Faro, como capital, de um padrão singelo ou simples lápida em memória dos algarvios que pereceram nos tumultos percursoros do 1.º de Dezembro de 1640, com uma festa em que seriam chamados a colaborar principalmente os alunos do Liceu João de Deus, que naquela data têm anualmente a sua festa oficial tradicional; uma cerimónia epocativa no Castelo de Castro Marim, bérço da Ordem de Cristo, que tão notável e decisiva influência teve na formação e consolidação do Império, levando àquele monumento, nesse dia, se fôsse possível, uma grande excursão de algarvios residentes em Lisboa; cerimónias comemorativas várias, em várias terras, como Tavira (celebrando em Santa Maria do Castelo os inclitos Infantes), Olhão (comemorando o primeiro grito de revolta contra os franceses), Lagos, etc. A primeira destas iniciativas, a exposição etnográfica, chegou mesmo a ter começo de organização, com um despacho do Sr. Ministro da Educação Nacional autorizando os professores e alunos de todas as escolas primárias da minha boa Província, a colaborar, com a confecção, durante as aulas de trabalhos manuais, de manequins vestidos com traços típicos e miniaturas de alfaias agrícolas características e aparelhos de pesca tradicionais—prova de que até as mais altas autoridades do país, ao contrário do que se dizia, não negaram a sua colaboração e apoio à «Casa do Algarve», quando ela entrava no seu verdadeiro caminho.

Factos já do conhecimento da minha boa Amiga, impediram-nos de levar por diante esta iniciativa, cuja viabilidade é maior do que à primeira vista parece, bastando para a pôr de pé alguma boa vontade e trabalho por parte de quem tiver a seu cargo a realização e a colaboração efectiva das entidades oficiais algarvias, que iam solicitar quando os acontecimentos nos forçaram a deixar a «C. do A.»

Quererá alguém chamar a si, agora, a realização desse projecto, naquilo que ele tiver de aproveitável? Esta pergunta constitui o único motivo porque trouxe hoje ao conhecimento da minha querida Amiga os nossos planos; e se houver quem responda—sim!, desde já aqui lhe declaramos que pode contar inteiramente com a nossa desvaliosa colaboração e com o nosso grande entusiasmo e desejo de bem servir a terra onde nascemos.

Antero Nobre

Lisboa, Março, 30.

A propósito do Grémio algarvio

Tive há dias o prazer de assistir a um jantar de confraternização, que se realizou no Café Suíço, entre meia dúzia de bons Algarvios residentes aqui na Capital. Nesse jantar falou-se de vários assuntos e entre eles, do nosso Grémio (que não existe).

E' que, os bons algarvios, não podem conceber a não existência de um Grémio Regional da sua Província, quando tantas outras, os teem, mercê de boas vontades, e yamos lá, de boas INTENÇÕES!...

Como certamente sabem todos os Algarvios, existiu em tempos aqui na Capital uma Sociedade Recreativa—sic—que se chamou Casa do Algarve. (muita coisa poderíamos dizer acerca desta Sociedade, mas não vale a pena).

Pretendem agora esta meia dúzia de bem-intencionados Algarvios, organizar o seu Grémio. Mas, dizem eles, e com muita razão:—Depois do mau ambiente que se criou—criaram—à volta da referida «Sociedade», como poderemos nós vencer, visto, como é natural, permanecer ainda no espírito de todos uma dúvida?

De facto, devem ser inúmeras as dificuldades para criar de novo, isto é, organizar um organismo desta natureza à altura da nossa Província.

Porém, estamos certos, que, quando se é possuidor de uma vontade inquebrantável, tudo se consegue. Nunca devemos esmorecer perante as dificuldades, mas procurar vencê-las com honestidade—coisa que infelizmente para muitos homens é letra morta.

Gostariamos de saber, no entanto, qual a opinião do Povo Algarvio a este respeito. Oportunamente esperamos voltar a tratar deste assunto mais desenvolvimento.

Lisboa, 4 939.

Luciano Mendes

PELA IMPRENSA

«Novidades»—Deste nosso distinto colega, de Lisboa, transcrevemos o artigo «Os homens e o Corporativismo» que publicamos neste numero.

ESCOLA Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA
Rua do Arsenal, 54-3. LISBOA
Fundada em 1930
e ao abrigo do Decreto 23.447

Habilitação garantida para
Guarda-livros

em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

Quadro de Honra: alguns distintos alunos

N.º 15

Sr. José do Nascimento J.º—Cintra.
Sr. José Maria Lourdes da Luz—Macau (China).
Sr. Cesar Castelhão—Chamusca.
Sr. Mario Dias Cordeiro—Nampula (Moçambique).
Sr. Alberto Silva (Revisor da C. P.)—Lisboa.

(Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes.)

Cursos de Escrita, Contabilidade, Estenografia, Dactilografia, etc.

Peça grátis o nosso livro de propaganda que contem planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, de Lisboa, Porto, Provincias, Colónias e estrangeiro, etc.

Se lhe fôr possível recorte e envie-nos este anuncio.

Agente no Algarve: Para informações e matriculas, Sr. Alvaro Correia de Carvalho, Avenida da Republica, n.º 128, OLHÃO.

PELA CIDADE

Ensaio—Na presente semana os ensaios começarão todos às 21 horas e 30 minutos.

Do Orfeão—Terça e Sexta—para todos os naipes.

Da Revista—Segunda, Quarta, Quinta e Sabado.

Club Recreativo Tavirense—Para comemoração do seu 19.º aniversário realiza-se uma interessante festa no Club Recreativo Tavirense, que constará do programa seguinte:

A's 22 horas—Sessão Solene, recitação duma poesia alusiva ao acto, inauguração solene do estandarte, recitativos e palestras.

Será cantado pela primeira vez o hino da sociedade por um grupo coral, com letra de Manuel Virgínio Pires e musica do maestro Herculano Silvério da Rocha.

Ao terminar a Sessão Solene, será servido um Porto de Honra.

Haverá também um grandioso baile que será abrilhantado por uma magnifica Orquestra de Jazz.

Sociedade Orfeónica—Conforme noticias repetiu-se com grande brilhantismo a festa realizada por esta simpática Sociedade no Domingo de Páscoa.

Segundo nos consta está em projecto a deslocação do grupo cénico a Cacela, onde realizará um espectáculo, no Teatro, daquela laboriosa vila.

Confraria de Sto. António—Segundo nos informam a Confraria de Santo António, desta cidade, está empenhada em levar a efeito, no presente ano, uma grandiosa festa em honra do seu santo padroeiro.

Teatro Popular

Hoje exhibe *Maria Papoila*, em reprise, que, a julgar pelo grande exito já obtido, vai certamente ter o excelente acolhimento que merece como obra popularíssima de fundo ligeiramente dramático e bem realizada por Leitão de Barros.

Maria Papoila foca em 11 partes a odisseia dessas raparigas da provincia que vão servir para Lisboa encetando uma vida que nem sempre corresponde ao seu ideal.

Maria Papoila é a produção portuguesa da estreia em cinema da engraçada actriz Mirita Casimiro e tão hábilmente se desempenhou do papel que lhe confiaram que logrou os merecidos elogios.

António Silva e Estevão Amarante, com todo o grande elenco, concorre com um belo trabalho para o equilibrio deste prestigioso filme passado no ambiente regional da Beira e de Lisboa e arredores com movimento, acção e quadros bem ligados a que não falta o pitoresco como ainda deve estar na mente de todos que tiveram ocasião de o apreciar.

Agradecimento

Luiza da Conceição Viegas, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas e entidades públicas ou particulares que, directa ou indirectamente, contribuíram para minorar o sofrimento de seu chorado filho Antonio da Conceição Viegas, durante a doença que o vitimou. Igualmente agradece a todos que o acompanharam à sua última morada.

Quereis fazer bons negócios?

Anúncial no semanário regionalista

“Povo Algarvio”

Experiência vencedora

Quando se publicou, no «Diário do Governo» de 23 de Setembro de 1933, o Estatuto do Trabalho Nacional, que instituiu o sistema corporativo entre nós, muitas pessoas perguntaram se existiria o ambiente necessário para a consunção da reforma profunda que o Governo intentava, surgindo até quem duvidasse da vontade esclarecida e da energia iluminada dum escol que, reduzindo obstáculos e fundando alicerces, executasse a acção conveniente ao desenvolvimento das instituições previstas pelo referido Estatuto.

Estava já realizada, em Setembro de 1933, uma enorme obra destrutiva das ilusões do Liberalismo na politica e na economia. Os apóstolos do nacionalismo português de há muito denunciavam os erros e os efeitos desastrosos do espirito e da governação demo-liberal—e, por outro lado, a evolução económica,—transformando a mentalidade burguesa, bem como agravando as relações entre operários e patrões impôs à opinião de muitos portugueses a força de soluções que evitassem o comunismo.

Admitida, assim, a liquidação do liberalismo e repudiada a solução comunista, sem raízes nem sedução no nosso País, restava a experiência corporativa. De então para cá fundaram-se dezenas de Sindicatos Nacionais, Casas do Povo, dos Pescadores, Grémios e outros organismos.

Adoptaram-se muitos dos processos característicos do corporativismo: fixaram-se salários mínimos, estabeleceu-se vigorosa fiscalização do horário do trabalho, fez-se representar no Estado, por meio da Camara Corporativa, não só os patrões mas também os operários e, por fim, coordenou-se toda a actividade económica nacional.

Isto tudo traduz um esforço grandioso, que revela as possibilidades de realização de todos os que empenharam a sua actividade no funcionamento do sistema corporativo. D'aqui portanto, da verificação da eficacia do funcionamento do sistema, o pedido feito pelos trabalhadores a Salazar: «Queremos que não se chame mais uma experiência à Organização Corporativa. Mas que esta obra imensa e salvadora se acrescente, prossiga e se engrandeça».

Final, não tinham razão de ser as dúvidas que surgiram inicialmente: houve vontades esclarecidas e energias iluminadas que reduziram obstáculos e fundaram alicerces.

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

Necrologia

No dia 13 do corrente, faleceu nesta cidade, donde era natural a sr.^a D. Maria da Conceição Peres Mil-homens, de 81 anos, casada com o sr. José Antonio Mil-homens.

A' familia enlutada e em especial a seu desolado esposo, o «Povo Algarvio», envia sentidas condolencias.

DEPÓSITO DE LANIFICIOS

— DE —

José Alexandre do Nascimento

TELEFONE 86

Campo da Pátria - CASTELO BRANCO

Nesta casa encontra V. Ex.^a um enorme sortido de:

Casemiras, Sarjas, Estambres e Cheviotes, bem como Fazendas, para casacos de Senhora e Sobretudos para Homens, tudo aos melhores preços.

ENVIAM-SE AMOSTRAS

Representante no Algarve:

Diamantino Trindade Bernardo

— Conceição de Tavira —

VENDE-SEUma charrette em bom estado. Informa Manuel Pedro Cabrita J.^o, Largo do Mercado—Tavira.**Dr. João Moniz Nogueira**Ex-assistente do professor Porthman da Universidade de Bordeaux e Paris—Especialista de **Garganta, Nariz e Ouvidos**
Consultas ás terças-feiras das 15 ás 17 horas e**Carlos Silva**

Cirurgião-Dentista

Consultas aos Domingos das 10 ás 14 e ás terças-feiras a partir das 11 horas, na

POLICLINICA
do

Monte-Pio Artístico Tavirense

Avenida 5 de Outubro
TAVIRA**Dr. Oliveira e Silva**

MEDICO VETERINARIO

Recebe chamadas para consultas e tratamentos todas as 3.^{as}-feiras das 15 ás 17 horas na Sede do Montepio Artístico Tavirense.

NOTA—Nos serviços prestados aos animais pertencentes aos socios do Montepio há 25 % de desconto.

Cunha & Dias, L.^{da}

8 - RUA DA LIBERDADE - 10

TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços
Condições especiais
para revendedores**Leite de vaca**

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

Liquidação

Por efeitos de balanço, teve início no dia 1 de Abril a liquidação de toda a existência de joias e pratas da

Ourivesaria Mansinho

TAVIRA

Propagai os vossos produtos no semanário
- regionalista: **POVO ALGARVIO** -
o jornal de maior expansão da Província.

Drogaria Tavirense

DE

SOUSA ROSA & VICENTE, L.^{DA}DROGAS e PRODUTOS QUIMICOS
Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxófrs
OLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTESFERRAGENS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA

Tubos para irrigador, sacos para gelo e agua quente

AGUAS MINERO-MEDICINAIS

Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

Perfumaria

Completo sortido das acreditadas marcas
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.**Rua José Pires Padinha****TAVIRA**

Os melhores cafés preparados á vista dos Clientes, Puros e Lotados, só se encontram á venda no

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIAS

da firma:

Bernardino M. Mateus

R. Alexandre Herculano, 2 e 4

TAVIRALembrem-se V. Ex.^{as} que um bom Café é o complemento duma melhor digestão.